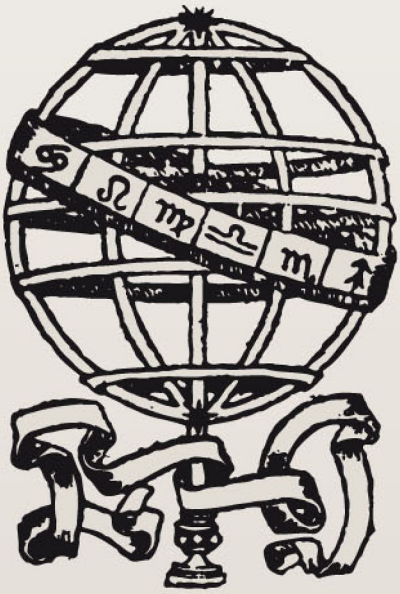
PRISCILIANO

TRATADOS

Estudo e tradução de RICARDO VENTURA



COLECÇÃO PENSAMENTO PORTUGUÊS

IMPRENSA NACIONAL - CASA DA MOEDA

ÍNDICE

ESTUDO HISTÓRICO-FILOSÓFICO

Introdução 11

A questão histórica 16
A questão teológico-doutrinal 23
Comentário textual 46

Criação, natureza e queda 47
Antropologia e soteriologia 60
Teologia, cristologia e revelação 71

Conclusão 78

Bibliografia 83

TRATADOS

Tratado I — LIVRO APOLOGÉTICO 89
Tratado II — LIVRO AO BISPO DÂMASO 109
Tratado III — LIVRO SOBRE A FÉ E SOBRE OS APÓCRIFOS 117
Tratado IV — TRATADO DA PÁSCOA 127
Tratado V — TRATADO DO GÉNESIS 131
Tratado VI — TRATADO DO ÊXODO 137
Tratado VII — TRATADO DO SALMO PRIMEIRO 147
Tratado VIII — TRATADO DO SALMO TERCEIRO 151
Tratado IX — TRATADO AO POVO I 153

Tratado X — TRATADO AO POVO II 155
Tratado XI — BENÇÃO DOS FIÉIS 163

ANEXO 165

Cânones sobre as epístolas do apóstolo Paulo 167

NOTAS 179

ESTUDO HISTÓRICO-FILOSÓFICO

INTRODUÇÃO

> Dilecto [Prisciliano] sobretudo porque, nada ou quase nada se conhecendo a seu respeito, posso imaginar para ele e lho atribuir tudo quanto a mim me apeteceria ser e proclamar.
>
> AGOSTINHO DA SILVA, *Textos Vários. Dispersos*, p. 149.

Mais de mil e setecentos anos pesam sobre a morte de Prisciliano (385 d. C.), obscuro eclesiástico da Galécia romana. Mais de cem anos pesam sobre a descoberta, na biblioteca de Würzburg (1886), de um conjunto de tratados atribuíveis a este e/ou a membros da sua comunidade, cuja leitura revitalizaria a discussão em torno do «heresiarca».

O comentário de Agostinho da Silva, com o humor que lhe era muito próprio, revela o profundo conhecimento daquilo que está em causa quando se fala de Prisciliano e do reflexo da sua figura na cultura ibérica.

Afastando, pelo menos neste estudo, a possibilidade de encetarmos um voo criativo sobre o que poderia ter sido Prisciliano, reconhecemos, porém, as dificuldades inerentes a uma abordagem histórico-filosófica desta figura.

Uma dificuldade que condiciona, à partida, um estudo deste género prende-se com a escassez de fontes coevas (sobretudo fontes priscilianistas) que nos dêem uma expressão deste fenómeno suficientemente ampla e autónoma. Na verdade, um avanço considerável dos estudos sobre Prisciliano depende, provavelmente, de uma descoberta arqueológica.

Este é, portanto, um trabalho em que a valorização dos dados existentes e a sua análise ao pormenor se provam determinantes: há que inquirir a proveniência das informações e seleccioná-las cuidadosamente,

confrontando-as com dados de outras fontes relativas a Prisciliano, à história religiosa e política peninsular e extrapeninsular.

Todo este cuidado se justifica pela natureza apologética destes textos, bem como pelo clima de suspeição e de conflitualidade que caracteriza os períodos históricos em que a perseguição à heresia foi mais severa.

Quem se debruce sobre os textos atribuídos a Prisciliano ou à sua comunidade deve, pois, ter consciência que pisa solos movediços. A possibilidade de perjúrio face à perseguição, que levaria os priscilianistas a não expressarem a sua doutrina em termos latos ou mesmo verdadeiros, instala uma desconfortável incerteza. A hipótese de haver uma doutrina esotérica veiculada nos círculos priscilianistas e continuada em sociedades secretas tem sido, igualmente, colocada por alguns estudiosos. Comentar esta hipótese seria enveredar pelos domínios da esoteriologia, o que está longe das intenções de um trabalho como o que aqui apresentamos.

Uma exegese histórico-filosófica que procure trazer um contributo enriquecedor à reflexão sobre Prisciliano e o priscilianismo deve ocupar-se não tanto do esmiuçamento desse clima de conflitualidade e de secretismo, como da construção de materiais que permitam integrar o priscilianismo na história do cristianismo peninsular. A conflitualidade e o secretismo tomar-se-ão assim como dados a ter em conta ao longo do estudo e não como pontos de partida para a análise dos textos traduzidos.

Com efeito, a abordagem de Prisciliano e do priscilianismo tem sido toldada por pré-concepções que pouco têm que ver com uma postura científica de estudos históricos, filosóficos ou culturais nossos contemporâneos, tendendo para uma conflitualidade «medievalizante» e para preocupações doutrinais desusadas. As perspectivas que visam ainda estabelecer uma espécie de «tribunal virtual» do maniqueísmo ou do «gnosticismo», para uma posterior condenação ou ilibação, poucas pistas poderão já trazer que contribuam para o avanço deste estudo. Um certo equilíbrio entre a apologia e a análise histórica tem garantido, todavia, a validade de alguns destes contributos.

Estas abordagens, empenhadas e numerosas, têm-se dividido entre [1]:

> *A condenação doutrinal, como a de Menéndez Pélayo e de Lopez Caneda, que, no seguimento da tradição de escritores eclesiásticos como Orósio, São Agostinho e Sulpício Severo, atri-*

---

[1] Cf. «Bibliografia».

buem a Prisciliano um sincretismo gnóstico-maniqueu que ocultamente se expressava em oposição à doutrina católica romana;

A exegese de carácter protestantista ou reformador, como a de Ademar d'Allès, Babut, Henry Chadwick e Daniel Fierro, que vêem em Prisciliano um reformador ascético que, mantendo os costumes da igreja primitiva, pôs em causa a Igreja-instituição tomada pela jurisprudência imperial;

A apologia galeguista, um «priscilianismo cultural» ou um «neo-priscilianismo» [2]*, que ganha expressão em Manuel Murguía e Benito Vicetto e continuação nos estudos de Castelao, Otero Pedrayo e, mais recentemente, de Xosé Leyra Dominguez e de Xosé Chao Rego, que vê Prisciliano como um herdeiro da sabedoria pré-romana, sobretudo celta, transformando-o, simultaneamente, num baluarte da cultura galega e numa espécie de herói anti-imperial.*

É de salientar que estes estudos, mantendo constante diálogo entre si, nos fornecem dados extremamente válidos e constituem, indubitavelmente, a espinha dorsal dos estudos sobre Prisciliano. Progressivamente, estas visões tornar-se-iam não tanto passos de investigação historiográfica, como documentos de uma reflexão sobre a identidade peninsular e sobre as expressões do cristianismo na Península Ibérica, quer nos séculos IV *e* V*, quer nos finais do século* XIX *e princípios do século* XX [3].

A reflexão biografista derivou, pois, desde bem cedo, numa especulação que ora se ocupava do juízo sobre a heterodoxia ou ortodoxia de Prisciliano, ora procurava adaptar o fenómeno priscilianista a intenções apologéticas paralelas. Neste percurso, que constituiria, por ele mesmo, um fértil objecto de estudo, manifestam-se a partir dos finais do século XIX*, por altura da descoberta dos* Tratados*, os mais diversos pólos conflituais, relativos à doutrina cristã, mas também à política.*

---

[2] Cf. Xosé Chao Rego, *Priscilliano — Profeta contra o Poder*, 1999, p. 251.

[3] No seguimento de uma leitura histórico-política, Jaime Cortesão identificou a adesão popular ao priscilianismo como «a primeira e evidente manifestação da existência de uma comunidade social, diferenciada e a caminho da nação» (*Os Factores Democráticos na Formação de Portugal*, 3.ª ed., 1978, p. 214).

Mais raras têm sido as abordagens que procuram inquirir a natureza e a repercussão da vida e dos escritos de Prisciliano à luz do contexto peninsular do século IV, *situando as abordagens mais apaixonadas nos seus contextos históricos, políticos e culturais próprios*

Pela nossa parte, e sem excluir os estudos já referidos, faríamos uma referência especial aos estudos de orientação historiográfica, de que Ramos Loscertales e Mário Martins são precursores, e entre os quais destacamos os trabalhos de Lopez Pereira, de Maria Escribano Paño, de Jacques Fontaine, de José Mattoso e, mais recentemente, de Margarida Barahona Simões e de Paula Oliveira e Silva. Procurando uma análise de Prisciliano e do priscilianismo no contexto espiritual e sócio-político dos latifúndios cristianizados dos finais do século IV, *estes estudos permitem-nos compreender a persistência do fenómeno durante quase três séculos e o seu contributo estruturante não só da Igreja e da espiritualidade ibérica, mas também de uma consciência nacional.*

Em suma, estamos perante uma figura histórica remota e problemática, sobre a qual persistem muitas dúvidas e preconceitos. Prisciliano parece mesmo significar mais enquanto dúvida do que nas definições que todo este percurso especulativo sui generis *vem tentando formular.*

O humilde contributo que nos propomos apresentar não pretende, pois, discutir a heresia ou ortodoxia das suas proposições, nem refutar ou afirmar posições de um conflito que, por certo, não é nosso.

Ao apresentarmos esta tradução dos Tractatus *de Würzburg* (Corpus Scriptorum Eclesiasticorum Latinorum, *XVIII, 1-106;* PL-S, *II, 1413-1483*), *procuramos apenas tornar mais acessível uma fonte da história do cristianismo peninsular.*

As traduções já existentes [4], *contributos muito úteis para a renovação da discussão, apresentam, a nosso ver, algumas lacunas assinaláveis ao nível do estabelecimento do texto, do comentário e do tratamento das citações. A tradução integral destes textos, incluindo as versões de trechos bíblicos neles constantes, constitui, portanto, um contributo inovador. De forma a dar conta das diferenças entre certas versões de trechos bíblicos nos* Tractatus *e as versões da* Vulgata, *acrescentámos em nota os originais, para que o leitor possa comparar.*

---

[4] Cf. Xosé Leyra Dominguez, *Xacobe e Prisciliano*, 1997; Prisciliano, *Tratados y Cánones* (trad. Bartolomé Ramos), s. d.

Esperamos que o aprofundamento da leitura sobre estas fontes — para lá da leitura que busca a heresia ou a ortodoxia nelas — permita clarificar aspectos históricos e doutrinais, não só relativos a Prisciliano, mas também ao ambiente cultural e à cristianização do noroeste da Península Ibérica.

A considerarem-se estes textos, com Lopez Caneda, meros «libros de descargo» [5] *e perjúrio, em que o seu autor veicularia a doutrina católica ocultando a sua verdadeira crença, uma leitura atenta dos* Tratados *permite compreender o seu valor irrecusável, enquanto documento de uma determinada ideia de doutrina católica, que parece basear-se em fontes canónicas e não canónicas, e que se estrutura em concepções — de criação, de queda, de salvação — peculiares.*

Constituindo, igualmente, um precioso documento de práticas e concepções dos princípios do cristianismo peninsular, estes textos são de alguma forma prenunciadores da reacção estabilizadora presente no De correctione rusticorum *de São Martinho de Dume* [6]*, bem como em todo o edifício doutrinal ibérico, do qual Isidoro de Sevilha viria a ser expressão maior* [7]*.*

Cabe-me, para concluir esta reflexão introdutória, agradecer a quem tornou este trabalho possível e é responsável pelo que houver de proveitoso nele.

Ao Rui Lopo Miranda, dilectíssimo amigo e companheiro, devo não só a ideia de desenvolver este trabalho e o imprescindível incentivo para o levar a cabo, como também os contributos científicos, o permanente acompanhamento e a sua paciente e rigorosa revisão. Ao Paulo Borges, caríssimo amigo e professor, agradeço o incentivo e o interesse reiterado

---

[5] *Prisciliano, Su Pensamiento y su Problema Historico*, 1966, p. 17.

[6] Martinho de Braga, *Instrução Pastoral sobre Superstições Populares* (ed., trad. e introd. de Aires A. Nascimento), 1997.

[7] «El priscilianismo, puede decirse, dió el pie forzado a toda nuestra teologia visigoda, la cual, aunque hundía sus raíces en la reacción indígena antiarriana, hubo de plegarse a enderezar las nuevas aberraciones del obispo heterodoxo de Avila y de sus secuaces [...] me atreveria a señalar en la presente al priscilianismo español como uno de los factores históricos que de rechazo contribuyeron a formar lo que pudiéramos llamar el siglo de oro de la patrística española en el ciclo isidoriano», José Madoz, «Arrianismo y Priscilianismo en Galicia», in *Bracara Augusta*, 1957, pp. 82-83 e 84.

alto estatuto social, e Elpídio, seu esposo, como discípulos; este casal viria a doutrinar Prisciliano;

Caracterização de Prisciliano: nascido no seio de uma família conhecida e abastada, erudito e eloquente, muito dado a costumes austeros [10]*;*

Crescimento da heresia junto de mulheres, estendendo-se depois aos bispos Instâncio, Salviano e Higino de Córdova;

Sínodo de Saragoça, onde estão presentes bispos hispânicos e aquitanos, com o intuito de combater a heresia; Itácio, bispo de Ossonoba (Faro), é incumbido de comunicar a todos os bispos hispânicos a condenação da heresia e dos bispos nela implicados;

Prisciliano, antes leigo, é nomeado bispo de Ávila por Instâncio e Salviano, numa tentativa de reforço perante a acusação sinodal;

Hidácio de Mérida e Itácio de Ossonoba conjugam esforços para a expulsão dos bispos heréticos e obtêm um rescrito do imperador Graciano nesse sentido;

Instâncio, Salviano e Prisciliano encaminham-se para Roma, para se defenderem das acusações perante Dâmaso, bispo daquela cidade; passam pela Aquitânia, onde espalham a «semente da heresia» em diversas localidades, nomeadamente Eause; são expulsos por Elpídio em Bordéus; porém, a esposa e a filha deste, Eucrócia e Prócula, integram o séquito de mulheres que acompanham o grupo de Prisciliano;

Chegados a Roma, não são recebidos por Dâmaso; em Milão, Ambrósio também não os recebe; regressados a Roma, voltando a sua atenção para o poder secular, subornam Macedónio, «magister officiorum» do imperador, acabando por ob-

---

[10] «Prisciliano, de familia conocida, enormemente rico, agudo, inquieto, elocuente, culto y erudito, con extraordinaria disposición para el diálogo y la discusión, feliz sin duda si no hubiera degradado su extraordinaria inteligencia entregándose a intereses despreciables. Además podián verse en él muy buenas cualidades interiores y físicas. Podía mantenerse despierto largo tiempo, soportar el hambre y la sed, poco ávido de bienes, expresamente parco en su uso. Así mismo vanidosísimo y más orgulloso se cree que desde su juventud practicó la magia», *Obras Completas* (trad. Carmen Codoñer), 1987.